



Publicações Periódicas
Pode abrir-se por qualquer direção postal. Autorizada a circular fechada. DE 21302022CSB2B/jan



Gaiato

15 de Novembro de 2025 • Ano LXXXII • N.º 2131
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Quem somos

NÓS não somos uma obra social propriamente dita, somos uma Obra da Igreja que vive a caridade expressa em gestos humanos com rosto social. Entre nós, não há fronteiras entre uma e outra, nem uma começa quando a outra acaba, ambas vivem em simbiose de tal modo que uma não pode anular a outra. Mas, a força da obra é a caridade, que resplandece em corpo social.

Apesar das obras incríveis que a caridade realiza nas suas variadas facetas, ao longo dos tempos surgem-lhe sempre opositores que, brandindo a sua espada de poder conseguem esvaziar, em muitos, as suas convicções sem alicerces, levando a sua avante.

Pai Américo, no seu tempo, teve de se munir de estatutos oficiais para se acreditar e poder levar a Obra para a frente. No texto que publicou n' O GAIATO em Maio de 1952 intitulado "Um equívoco", faz alusão às dificuldades que teve de vencer até alcançar a credibilidade oficial, não para mudar o rumo ao fundamento do seu trabalho, mas para poder trabalhar segundo os seus propósitos: «Aceitei os três documentos [estatutos] como facilidade de agir, mas nunca com o propósito de fazer como lá vem. Eu nunca li nenhum deles».

Pôde assim dizer e fazer: «Nós não somos uma obra de Assistência. Sem olhar ao cofre, vamos direitos às feridas do Pobre. O abandonado que nos bate à porta, entra e ao depois, vamos procurar o seu pão. Uma obra de Assistência não faz assim.»

«Famílias que somos, aonde o *Pai* come à mesa e reparte com seus filhos, não nos parece avisada nem necessária a jurisdição da Assistência. Esta tem de se exercer, sim, mas doutra maneira e por razões mais altas que os simples subsídios.»

Hoje, para além da necessidade de estatutos, há a obrigação de se cumprir com o que se legisla para as obras sociais. Em vez de se verificarem os frutos produzidos vai-se à raiz da árvore verificar se tem todas as condições para estar plantada naquele terreno. Se não tiver não pode produzir. Mas, como não se trata de nenhuma árvore, mas de um corpo de pessoas, há outros importantes factores que não foram tidos em conta com reflexos na qualidade dos frutos produzidos. Então pelos frutos se conheceria esse corpo social.

A dificuldade de Pai Américo é hoje mais acutilante: «Para isso venho hoje a esta coluna chamar pelos Homens de boa vontade, que me ajudem a sair da encruzilhada, com um corpo de doutrina nova.»

«Sem favor, nem privilégio, nem nada de pessoal, havemos de trabalhar por uma lei nova para reger uma coisa nova (...) Ao contrário do que sucedeu no princípio, nós hoje desejamos ter a palavra ao pé do Legislador que nos conheça e ame e saiba e possa.»

Em jeito de conclusão, pretende-se a vida no espírito de vida cristã, com todas as consequências, que tem o seu modelo na família de Nazaré, aonde o regresso é "progresso social cristão". Pretende-se ser «a porta aberta ao indigente de qualquer terra, cor, idade, credo. Todos os defeitos. Todas as pústulas. Todos os vícios. Eles são nossos em qualquer tempo, em todo o local, todas as idades, na vida e na morte.»

Padre Júlio

PÃO DE VIDA

De como o Américo Monteiro de Aguiar entrou no Seminário de Coimbra

É sobejamente reconhecido que este capítulo da sua biografia tem pano para mangas. Foram tecidas algumas linhas gerais que podem certamente ajudar a conhe-

cer um pouco este tempo vocacional forte na vida de Américo Monteiro de Aguiar. Tendo encadeado alguns testemunhos credíveis desse tempo, depois consideramos

pertinente referir duas afirmações distantes que dizem muito do desfecho do seu processo vocacional no Seminário de Coimbra, radicando evidentemente a fonte do seu chamamento, pois Jesus Cristo é a verdadeira fonte do sacerdócio ministerial. Ora vejamos para reflexão tais incisivos testemunhais de dois familiares, dando o devido relevo ao mais próximo. Assim sendo, a sua Mãe, Teresa Ferreira Rodrigues, que soube bem cedo do *desejo* do seu benjamim, numa carta para o seu filho mais velho, Padre José Monteiro de Aguiar, em Cochim, na Índia inglesa, em 28 de Junho de 1903, escreveu: [...] Tenho tido um desgosto que tu não imaginas. Tinha-me dito que queria ser Padre. [...]» [O *Gaiato*, N.º 479, 21 Julho 1962, p. 4]. Estas palavras são um doloroso lamento materno, mas de quem acreditava seriamente na vontade do seu filho Américo. Tinha 15 anos e trabalhava numa loja de ferreiros no Porto, com pena de não estudar. Noutra missiva, do seu Tio-Avô Padre Zeferino de Aguiar [8-IX-1835†-6-I-1906], padrinho do seu irmão mais velho, em carta a este, datada de 5 de Setembro de 1904, tendo o Américo perto de 17 anos, diz assim: «Noutro dia tive pena do Américo. Lá o vi dentro do balcão... Mas que remédio há senão sujeitar-se: o pano não dá para grandes mangas» [O *Gaiato*, N.º 482, 1 Set. 1962, p. 4]. De facto, mais tarde, o testemunho da sua Mãe Teresa veio felizmente a confirmar-se e o juízo do Padre Zeferino não...

Retomando o fio da meada, da edição anterior, continuemos com o relato do Padre Euclides de Oliveira Moraes, sobre a entrada de Américo Monteiro de Aguiar, em Outubro de 1925: «[...] Era de



SINAIS

VEIO o dr. Abel com papel e lápis:
– É dia de escrever para O *Gaiato*.

Saltei da cadeira e o pasmo atirou comigo para os campos e hortas da nossa quinta...

Então fiquei olhando as matas e o cultivo das hortas nas baixas cultivadas.

Logo, junto das habitações – um gaiato puxava o carrinho com um doente – lindo! É o dia que começa... Os que podemos, vamos dar o pequeno almoço aos que não podem.

E este dia bonito começa com a harmonia que brilha com o cuidado aos doentes.

Calvário – lindo!

E o dia corre com harmonia! Cuidar dos doentes! Tão lindo! É o nosso Calvário a reflectir a beleza de Jesus na Sua cruz...

Nas nossas vidas, em alguns momentos, temos ou teremos de suportar a nossa cruz...

Pensemos em Jesus agonizante na Sua cruz real e dolorosa...

Padre Telmo

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

CAMPO – Estamos a limpar as bordas dos nossos campos das ervas daninhas e silvas, que são uma praga que se vai espalhando pelos terrenos. Já fizemos a silagem do nosso milho, que será depois para alimentar o nosso gado. Também produzimos espigas para fazer farinha para os animais e milho para as aves. Brevemente serão semeadas as ervas de inverno, que também serão para alimentar o gado.

ESTUFA – O Bruno com a ajuda do «Guga», eu e outros dois rapazes estivemos a capinar as ervas daninhas, para se poder semear e plantar algumas plantas para nosso consumo. Neste momento vamos plantar cebolo. As couves para o Natal já estão em desenvolvimento. Também vou semear carços de abacate para virmos a ter abacateiros de boa qualidade. De vez em quando vamos lá regar e arrancar as ervas que apareçam.

OFICINAS – Na nossa serralharia estão a fazer-se trabalhos para fora e para Casa. O Mendão com a ajuda do Sr. Prof. Melo estão a pintar os portões novos que fizeram para as casas do Bruno e do Manuel. Também fizeram a reparação e pintura do nosso moinho do milho. A nossa carpintaria tem feito trabalhos para fora, pelo seu mestre Sr. Faustino e pelo António. Os nossos mestres tipógrafos estão a fazer calendários encomendados e outros trabalhos para fora.

FOLHAS – Na nossa Aldeia, como é habitual nesta época do ano, há muitas folhas a cair das árvores, que vamos apanhando com a ajuda da máquina de soprar com que o Paulo «Mudo» as vai juntando. Assim a nossa Aldeia fica mais bonita.

POMAR – As nossas árvores de fruto do pomar têm-nos dado os seus frutos com muita abundância e boa qualidade. Já colhemos figos, ameixas, laranjas, tangerinas e, nesta época, dióspiros. Temos também no pomar aves de capoeira, como as nossas galinhas, e perus. O nosso «Guga» é o seu tratador.

Fausto Casimiro

O NOSSO MANUEL PINTO

O meu pai partiu...

Foi morar nos braços de Pai Américo, junto dos irmãos que já nos deixaram.

Levou consigo uma linda história de vida.

Um menino franzino, que veio pedir estadia a Pai Américo e que por cá ficou,

Cresceu e se fez homem. Sempre fiel aos seus ensinamentos, um obreiro de mão cheia, que amou esta Casa, com toda a sua alma e coração, à qual se dedicou até ao final dos seus dias. O meu pai era assim, de sorriso fácil, de coração humilde e aberto!

Vai deixar um mar de saudade...

A sua missão terrena terminou, para agora ir encher o céu de luz!

Se tivesse que renascer mil vezes, mil vezes o escolheria para meu pai.

Obrigada pai, meu orgulho, por tudo e por tanto...

O nosso amor por ti é eterno, como eternas são as nossas memórias. Um dia voltaremos a estar juntos e poderei descansar no teu colo!

Olha por nós!

Amo-te para sempre,

Tua Kukita

(Luísa Pinto Mota, filha do Manuel Pinto)

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

MOBÍLIAS – Uma nota breve, mas com um agradecimento muito sentido para os leitores que nos deram conta de que gostariam muito que viessem para famílias que acompanhamos, mobílias que fizeram parte da sua vida, mas de que têm que se desfazer por causa de mudança de casa. Nem toda essa mobília pode se acomodada no tipo de habitações a que poderemos acudir, mas muito obrigado, na mesma, por essa e pela que certamente irá fazer muito jeito por cá a famílias que precisarem.

Também um agradecimento a todos os que têm ajudado na recolha, transporte e armazenamento dessa mobília enquanto não fôr para quem mais dela precisar.

Como se diz num anúncio que está a passar nas televisões, poderemos não mudar o mundo, mas, assim de mãos dadas, poderemos estar a mudar o mundo de alguém.

Bem-hajam!

Américo Mendes

MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

AUTORIZAÇÕES DE RESIDÊNCIA – Depois de algum tempo de impasse, com a extinção do SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, através do qual os Rapazes de Países Lusófonos acolhidos nesta Casa foram obtendo os seus *Títulos de Residência*, actualmente têm-se conseguido agendamentos para renovações em várias delegações da AIMA – Agência para a Integração, Migrações e Asilo. Cada processo consta de vários documentos: Passaporte actualizado, *Termo de responsabilidade* e outros documentos, alguns deles reconhecidos no Notário, com custos associados. Desde Agosto que vários Rapazes desta Casa do Gaiato se têm deslocado a algumas delegações da AIMA, do Centro a Lisboa, acompanhados, para tratar da renovação das suas *Autorizações de Residência*. Sublinhamos aqui que alguns Rapazes da nossa Comu-

nidade, há vários anos com residência legal em Portugal, ainda não conseguiram a nacionalidade portuguesa, prejudicando-os.

CARTA DE CONDUÇÃO – Quando os Rapazes desta Casa do Gaiato se vão autonomizando, como é preciso tirarem a carta de condução, é-lhes dito que poderão contar com a ajuda da *sua Casa*, dentro do possível. Vários Rapazes têm conseguido este objectivo e enviado os respectivos comprovativos. Depois, a recomendação de terem todos os cuidados e mais algum na condução nunca é demais.

AGROPECUÁRIA – Com tempo muito ventoso e chuvoso, especialmente na primeira semana de Novembro, continuou a colheita da azeitona no *olival dos poços*, efectuando também a poda das oliveiras. Depois, foi na bordadura da estrada, em Vale Simões. Neste ano agrícola,

vêm-se por todo o lado as oliveiras carregadas de azeitonas; mas, parte delas vão caindo e tem-se apanhado o que é possível. Até aos primeiros dias de Novembro, foram levadas três carradas de sacos a um lagar de Oliveira do Hospital; e tem fundido bem.

PARTILHAS E CONTACTOS – Agradecemos muito os donativos e os bens alimentares que os nossos amigos e amigas nos fizeram chegar nas últimas semanas. Bem-hajam! É preciso intensificar a oração para a Beatificação do nosso Venerável Padre Américo, – pedindo graças, como uma *cura miraculosa* – especialmente no dia 16 de cada mês, pois o nosso Pai Américo morreu a 16 de Julho de 1956. Morada e contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo – Casa do Gaiato, Largo de S. Brás, 15, 3220-034 Miranda do Corvo, telefone – 239 532 125; correio electrónico – gaiatomiranda@gmail.com

Rapazes de Miranda

BEIRE – Flash's

COM+viver¹ com “os 100 anos”...

Se bem me lembro, foi o velho Cícero (106 a 43 a.C.) que se lembrou de dizer que *as pessoas são como os vinhos: os bons cada vez ficam melhores; os fracos cada vez ficam mais difíceis de tragar...* E, nestas circunstâncias, recordo aquela de John Powell, no seu livro *Ele Tocou-me*. Na falta de vocações, o seminário onde estudara virou *Lar/Residência* dos jesuítas idosos. Ele, já catadrático da *Loyola*, conferencista e escritor consagrado, ao saber de um velho professor seu, que muito o marcara na sua carreira, agora, residia ali, quis passar por lá para o saudar. Chegado, já no corredor, encontra outro velho professor de quem recordava misérias... Logo ali, ouve: – *V. ainda vem por aqui?!... Eu só queria a sua idade... Dizia-lhes como era. Mandava-os todos à fava... Um homem deu a vida toda a isto e agora... A comida parece uma lavagem para suínos... O enfermeiro nunca tem horas nem sabe o que faz... Aqui, ninguém conhece ninguém... etc. etc. etc.* Jonh Powell, aguenta, despede-se e vai ao quarto que procura.

– *Oh, que honra me dá! Tenho lido os seus livros, acompanho a sua trajetória. Orgulho-me muito de si. Mas olhe que vale a pena ser fiel à nossa vocação. Aqui não nos falta nada. O Irmão Cozinheiro é de uma dedicação inaudita. É como se cozinhasse para cada um em particular... O Irmão Enfermeiro, às horinhas, lá está com a medicação pronta... Na Comunidade, ninguém sabe o que mais nos fazer...*

Já de volta a casa, sozinho con-

sigo, ruminando as duas cenas, Jonh Powell ouve a voz do Espírito que o “toca”: – *Jonh, se não te preparas a tempo e horas...*

1. Não roubar o lugar a ninguém... Sou um sortudo. Os filhos a puxarem-me para casa: – *Tu não precisas disso. Podes pagar a uma pessoa que, durante o dia, ... Depois, à noite, nós vamos buscar-te... Como fizemos quando foste operado...* E também me sinto querido aqui. Com a ilusão de *ainda ser útil*. No *testemunho* que tento ser – *de paciência e bondade; serenidade, alegria e paz*...

Recordo P.e Telmo, vindo de África, em cima dos 90 que empurram para os 100 anos – que completa agora. Na sua delicadeza de *não querer ser peso para ninguém*, quer ir-se embora daqui, para o *Lar Betânia*. Uma *Residência Sacerdotal* para a Diocese de Bragança, a cujo presbitério pertence. – *Porque o Calvário não é para padres velhos; é para e para e para...* (Tudo casos que *já não há* ou, se os há e aparece alguém que se compadeça a denunciar isso, logo a Segurança Social aparece e corre para mostrar que o *Estado cuida...* (antes que o caso apareça nas redes sociais, claro).

– *O que é que me aconselha?* Pergunta sacramental. Repete que não é aqui o seu lugar. P.e Baptista deixara-o vir para o *quartinho que, na década de 80, tinha ocupado...* Digo-lhe o que penso/sinto sobre o Calvário e os *Padres da Rua* já idosos. Um problema que Pai Américo não

chegou a viver – por isso não se pronunciou sobre ele. Assunto sério, a meu ver... Se Pai Américo chegasse a velho e doente, não iriam mandá-lo para um Lar / ERPI, onde passaria a ser *o sr. Américo* – igual a todos, como é lei, na *vulgaridade das obras semelhantes...*

Falo com P.e Júlio. Sinto-me apoiado. E P.e Telmo vai ficando. Entretanto, chega P.e Fernando – trazido por uma ida de P.e Telmo e P.e Júlio a falar da Obra aos padres de Bragança, com D. José Cordeiro... Como maná caído do Céu, logo depois, aparece P.e Alfredo. Mergulha neste «rio Jordão» para se «baptizar» ao serviço da Obra. P.e Fernando, ainda quase sem ganhar raízes aqui, avança para Setúbal – onde P.e Acílio deu o que pôde, mas já não pôde dar mais. Logo de seguida, lá de Benguela, vem P.e Manuel, ultrapassado nos 80 anos e muito doente.

O *comviver* com estes dois sacerdotes da Obra da Rua, ambos nossos «heróis de África» e já idosos, desafia-me a ver este nosso Calvário com olhos novos. E lembro que foi *com olhos novos* que Pai Américo e P.e Baptista *viram a Ação Social* da década de 50 – quando o Calvário apareceu como «palavra tirada do Evangelho».

2. Deus é amor e também é humor... Talvez porque também eu já estou a cair sobre os 90 anos, adoro este meu aprender a *comviver* com os 100 – os meus e os dos outros, *mais coisa menos coisa...* Rezamos juntos. Rimos juntos. Ainda juntos, damo-nos o braço para *irmos um bocadinho a desenferrujar as pernas*. E isso



PÃO DE VIDA

Continuação da página 1

poucas palavras o Snr. Bispo. Ninguém o estranhava; nem à firmeza e energia com que as dizia. O Américo também não, que eram quase conterrâneos e conhecidos, pelo menos de vista, da cidade do Porto. Acompanhei o Américo ao seu quarto que era na fachada poente (14 ou 16?), tendo de atravessar o coro da Igreja a fim de passar de uma para a outra Prefeitura. Demos com o Cónego Dr. Liberato do Nascimento Tomé, professor do Seminário de Coimbra, embora natural de Lamego, ao chegar ao corredor da 1.ª Prefeitura. Ele logo quis saber quem era e o que fazia o Américo, mas este guardou silêncio e fui eu que dei o recado. Logo o Dr. Liberato mete conversa em inglês. O Américo com a maior das naturalidades foi respondendo. Passado tempo, me dizia o Dr. Liberato: 'o nosso homem sabe da poda!'. Mais tarde, o Snr. D. Manuel Coelho da Silva chamou-me e confidenciou: 'Veio dos Rev.^{os} Padres Franciscanos, por tendências para coisas místicas, o que pouco se coadunava com o teor da vida deles. Isto para seu governo!' (É a primeira vez que esta confiança sai da minha boca e já vão cerca de 35 anos!).

Por algum tempo, andei a aprender inglês com ele. Bom mestre, muito paciente

comigo e sempre bem-disposto, apesar dos meus esquecimentos. Depois desisti, que o meu serviço era na Secretaria Episcopal, nem sempre podia estar às horas marcadas e ele perdia tempo.

Mais tarde, quando me encontrava, repetia invariavelmente estas palavras naquela voz descansada e meia presa que todos lhe conhecemos: 'O meu Prefeito! Quando o Sr. D. Manuel Luís Coelho da Silva me foi apresentar a ele, olhei-o de alto-a-baixo e disse para comigo: - Até nisto Deus me quer humilhar! O meu chefe era um escocês, alto e forte, de barbas bem tratadas... E agora é um padre baixito, franzino, de tez morena!' Repetiu-me a última vez no mês de Setembro [de 1955] antes de morrer, quando me foi visitar e às Senhoras da Quinta de Coura, em Paredes do Douro [em Bitarães], onde eu estava passando as minhas férias» [O Gaiato, N.º 387, 10 Janeiro 1959, p. 1].

Outro depoimento, de um sacerdote da Diocese de Coimbra, sob o pseudónimo de Manuel do Freixo, reza assim: [...] Era prefeito e professor do Seminário de Coimbra, quando um dia, já rapaz de quarenta anos, forte, corado, saudável, veio bater ao portão de bronze daquela casa, o Sr. Américo Monteiro de Aguiar, com trabalhos em Moçambique e Londres. E em todas estas andanças não havia perdido a Fé em que havia sido educado no seio duma

família católica das cercanias do Porto.

Mas, alma grande, nobre, de aspirações de natureza diversa das que enchem um coração rastejante, gozador, materialista e carnal, veio ali aportar àquela enseada. Queria dar novos rumos à sua vida. Ordenar-se Sacerdote Católico para valorizar mais a alma própria e dar assim a sua mão a outras almas que porventura encontrasse na futura trajetória da sua vida.

Admitida aquela rica vocação tardia, o Américo estudou Filosofia e o Curso Teológico, pois lhe tomaram em conta os estudos que tinha. [...] [O Gaiato, N.º 352, 7 Set. 1957, p. 1].

Na verdade, em 1925-1926, Américo Monteiro de Aguiar frequentou as aulas de Filosofia, sendo Professor o Padre Alírio Gomes de Melo [1894 †1973]. Em 6 de Julho de 1926, foi aprovado com 14 valores. Seguiu-se o quadriênio Teológico, de 1926-1930.

Deixámos assim um esboço de como o Américo Monteiro de Aguiar chegou ao portão de bronze do Seminário de

Coimbra em Outubro de 1925 e entrou finalmente no coração dessa Diocese, para seguir o percurso formativo do sacerdócio diocesano. Então, poderia ter dito como o salmista: *O Senhor me ensinará o caminho da vida, a seu lado viverei na plenitude da alegria!* [cf. Sl 15, 11].

Antes de concluir o Curso Teológico, foi ordenado Presbítero em 28 de Julho de 1929, pelo Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva. Desde esse momento crucial, escolheu uma assinatura muito significativa, que resume o culminar do seu itinerário vocacional no Seminário de Coimbra: *Padre Américo!*

* Breve nota biográfica do Rev.^{mo} Cónego António Moreira da Rocha, para o resgatar do esquecimento: Nasceu em S. Miguel de Paredes - Penafiel, filho de Carlos Moreira da Rocha e Quitéria Baptista Moreira. Admitido no Seminário do Porto em 9-IX-1921, onde entrou a 8-X-1921. Recebeu Ordens Menores em 1929. Foi ordenado Presbítero em 19-IV-1930. Nomeado

Prefeito do Seminário de Trancoso, a 8-IX-1930. Professor e Director literário do Seminário de Vilar, a 17-VIII-1937. Vice-Reitor do Seminário de Nossa Senhora do Rosário de Vilar, a 2-X-1946. Reitor do Seminário de Vilar, a 1-X-1956. Conservador-geral dos Arquivos da Diocese do Porto, a 10-I-1959. Foi Cónego da Sé Catedral do Porto. Formou-se em Letras na Universidade de Coimbra. Dedicou-se a estudos históricos sobre as terras de Penafiel. Faleceu na Casa da Lage, em S. Miguel de Paredes, a 25-X-1986. [Fonte: Arq.º Diocesano do Porto, que agradecemos].

Padre Manuel Mendes

PENSAMENTO

Que outra fórmula há, na terra, de cada homem resolver o seu problema e as sociedades os seus — que outra, digo, senão somente o Evangelho aplicado?!

PAI AMÉRICO,
Notas da Quinzena, 1986, p 93.

SETÚBAL

Semana de oração pelos Seminários

A Semana de oração pelos Seminários que se realizou em Portugal de 2 a 9 de Novembro do corrente ano teve como tema: "Precisamos de ti". Não é uma proposta feita a partir do pessoal e do singular, mas no plural e em contornos eclesiais — assim afirmou a Comissão Episcopal Vocações e Ministérios da Conferência Episcopal Portuguesa em sua nota pastoral. Ora, orar pelos Seminários é pedir a Deus Nosso Senhor que envie mais operários para a Sua messe, para levarem o Seu Filho Jesus Cristo aos outros e outros a Ele; através de palavras como de acções, ajudando os outros a conhecerem, seguirem e aprenderem sobre o Seu Filho. É orar pelos que já estão nos Seminários e que vão percorrendo o seu caminho de discernimento. Diz-se que o Seminário é "o coração da Diocese" — porque é nela que se formam os futuros Sacerdotes da Mãe-Igreja; aqueles que estão a tatuar as suas vidas com o amor de Cristo para serem esse sinal do amor de Deus no mundo — mundo este que tem sede de amar e sentir-se amado. É a esses que Jesus diz: "Eu preciso de ti" — a minha Igreja precisa de ti. Ora, Jesus ao dizer que precisa de cada um desses jovens que escancaram os seus corações sem medo para Ele entrar em suas vidas, está a pedir a todos os Seus filhos/as que cuidem desses jovens (seminaristas) por meio de orações, conselhos, alimen-

tos, etc., a fim de crescerem em sabedoria e graça para a missão que lhes está preparada. Eles precisam e muito dessas ajudas porque é delas que encontram também forças para caminhar sem medo rumo à Jerusalém Celeste. Nessa Semana de Oração pelos Seminários não se deixou de lembrar também pelos jovens seminaristas da Obra da Rua que ao ouvirem o Senhor dizer "Eu preciso de ti", decidiram ser esse instrumento do Amor Misericordioso de Deus na Mãe-Igreja e no mundo. Eles são sete — todos da Casa do Gaiato de Malanje: Simão Tunda, no 12º Ano; Silva José, no 12º Ano; Job Avelino, no 3º Ano de Filosofia e Moisés Armindo, no 3º Ano de Filosofia — todos no Seminário Maior de São José de Malanje — Angola; por fim, temos o José Jungo, no 1º Ano de Teologia, a residir no Calvário; o Paulo

Domingos, no 4º Ano de Teologia, a residir no Seminário Maior de São Paulo de Almada — Setúbal e o Adão Vicente, no 6º Ano de Teologia e a residir no Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição do Porto. Graças que Deus deu à Obra da Rua por intercessão de Pai Américo. São esses, se Deus quiser, que serão os futuros padres da Obra da Rua. Certamente, além desses, ainda virão mais jovens a quererem ser padres desta magna-Obra, tudo ao serviço da Mãe-Igreja. Portanto, continuemos a rezar a Deus nosso Senhor por esses, por todos e por aqueles que estão a caminho para o Seminário, que o Senhor possa ser sempre esta luz, força e amor em suas vidas, a fim de não terem medo de caminhar, mas de não caminhar.

Paulo Domingos (Seminarista de Malanje e Gaiato, agora em Setúbal)

NIB'S DAS CASAS DA OBRA DA RUA

Casa do Gaiato de Paço de Sousa: 0045 1342 4003 5524 3039 8

Calvário: 0018 0000 0620 9336 0013 3

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: 0035 0468 0000 5577 3301 8

Casa do Gaiato de Setúbal: 0010 0000 0154 4210 0018 7

Património dos Pobres: 0045 3440 4021 8356 4277 8

Conferência de Paço de Sousa: 0035 2146 0000 1508 9304 9

Conferência do Lar do Porto: 0010 0000 0309 5700 0010 9

Casa do Gaiato de Malanje: 0010 0000 0158 2730 0016 7

Casa do Gaiato de Benguela: 0035 0402 0001 3023 2327 4

faz toda a diferença no jeito de estarmos **uns com os outros**, porque todos nós somos 'uns' e somos 'outros'. E temos «laços comuns» de ser-Calvário...

Estou a ver P.e Manuel. Sentadinho no sofá, pernas estendidas e levantadas — porque a circulação já falha. Sempre agarrado ao breviário — a sogra, no humor da gíria eclesial.

— *Filhinhos, nós já rezamos Laudes?!... Nós já rezamos Vésperas?!... E as Leituras?!... De tanto repetir o rezar e o pedir a P.e Telmo para rezar com ele, um dia o bom humor de P.e Telmo saiu-se com esta, que acho uma delícia*

de humor eclesialístico. — Já rezamos tudo muitas vezes... Se continuamos a rezar assim tanto, ainda vamos entrar pelo inferno dentro de breviário na mão...

Deus louvado! Ele é amor e humor...

1. Rumino este **COM**+viver. Trago-o ao de cima. A ver onde estou. Ver se convivo num mero estar na mesma barca ou se **COM**vivo dando também ao remo para que a barca chegue a bom porto...

2. Versículo 3, da oração do *Aprender a Envelhecer e Morrer...*

Um admirador

[Escreve segundo o acordo ortográfico]



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 7800

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5

NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL



PELA CASA DO GAIATO DE SETÚBAL

Bodas do Vinho – 70 anos

NO pretérito dia 9 de Outubro de 2025, a Casa do Gaiato de Setúbal perfez 70 anos de acolhimento de rapazes da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, como declara a acta de 5 de Outubro de 1955 da entrega da Casa à Obra, pelo anterior Albergue Distrital da Mendicidade de Setúbal: «o Albergue... cede, a título precário, à “Obra da Rua” a Quinta do Brejo do Perdigão, sua propriedade, sita em Algeruz, (prédios rústicos e urbanos), com todas as alfaias, animais, sementes, mobiliário e bem assim com tudo o mais que ali exista na data da cedência a qual terá lugar no dia nove de Outubro deste ano».

Neste aniversário, recordámos e fizemos memória dos padres já falecidos e que passaram pela Casa, recordando especialmente o primeiro e o último: P.e Flausino e P.e Acílio.

Tendo iniciado a Celebração com a Eucaristia, na qual, como intróito, se releu a acta fundacional.

A reflexão teve como mote o texto do Evangelho de São Lucas que dizia: “Pedi e dar-se-vos-á. Buscai e encontrareis. Batei e abrir-se-vos-á. Quem pede, recebe; quem procura, acha”.

No Evangelho, Jesus ensina-nos esta grande lição sobre a oração e a confiança em Deus. Ele começa com uma pequena parábola, um amigo que pede pão ao outro, no meio da noite, para receber ajuda. Apesar do incómodo, o amigo acaba atendendo o pe-

dido pela persistência e confiança daquele que bate.

À partida, este texto ajuda-nos a compreender a importância da perseverança na oração. Todos nós teremos alguma experiência de como é fácil desistir a qualquer dificuldade que nos aparece no nosso caminhar. Como cristãos, por vezes, desanimamos e desistimos, pois até dizemos: “Rezo, rezo, rezo, e nada acontece!”.

Temos de ter consciência que o tempo, nesta dimensão religiosa, não é o meu/nosso tempo, é o tempo de Deus.

Por isso a oração não é apenas uma palavra, mas uma atitude de confiança persistente. Que o Senhor nos ajude, e que o Espírito Santo nos inspire a perseverar na oração, na confiança e na intimidade com nosso Senhor. Que nós possamos ter um coração simples e humilde para bater e para procurar, e encontrarmos.

O momento que nos encontramos a celebrar, é também sinal inequívoco desta perseverança, nos encontros e desencontros de uma história de vida com 70 anos, incluídos numa caminhada ainda mais longa desde os anos 40 do século passado, quando o Padre da “sopa dos Pobres” da Diocese de Coimbra decide perseverar e entregar-se com toda a sua vida, ainda que na fragilidade da doença, a este empreendimento de acolher as crianças e famílias das ditas periferias humanas desse tempo. Nos tugúrios sociais e humanos, o Padre Américo

de Aguiar lança este projecto inovador no acolhimento e educação das camadas mais juvenis dessa sociedade. Sociedade que, tendo já instituições actuantes nesses meios, apenas os pensava como lugares de “correção” moral em que os próprios jovens seriam meras marionetes do sistema. Não eram, assim, lugares de liberdade e de possibilidade de refazer projectos de vida. De tal forma isso era controlado, que Padre Américo chegou ao ponto de contar: “Aqui há tempos, pedi licença ao porteiro e entrei em um determinado asilo de uma cidade. Começo a ver... enquanto não souberam quem eu era, tudo ia bem, mas apenas se descobriu, não me permitiram mais um passo. O senhor Director, com as devidas desculpas, acompanhou-me até à Porta”.

Apesar de se ter evoluído nesse âmbito, talvez por este caminho premonitório lançado por ele, hoje parece estarmos a regredir, mercê da legislação de protecção e controlo que limita a liberdade, a autonomia, a auto-realização e emancipação que estiveram sempre presentes no processo pedagógico da Obra da Rua (“O poder de cada um se determinar por si mesmo na escolha do bem ou do mal, eis a verdadeira liberdade...” P.e Américo).

A Casa do Gaiato de Setúbal celebra estes 70 anos, “Bodas do Vinho”, título retirado da expressão que acompanha as celebrações das sete décadas de vida matrimonial. Faz-se

esta referência em relação ao néctar extraído das uvas, do qual se diz, quanto mais velho, melhor!

E é isso mesmo que pretendemos, apesar das vicissitudes em que temos estado envolvidos, e pela diminuição de crianças e jovens que temos na actualidade, por motivo de restrições impostas pela “legalidade” de leis; leis muitas vezes construídas em gabinetes e não brotantes da vida e da experiência de quem tem realizado longo percurso de imensos e felizes sucessos, como testemunham os nossos gaiatos, uns aqui presentes, outros nos seus trabalhos e famílias, e ainda muitos outros já na companhia do Pai Américo!

Esperamos que esta “douta” idade, na transformação “imposta” seja um marco ao nível do que hoje nos é solicitado, a que possamos responder com a tenacidade de visão que foi característica do nosso fundador.

Tal como invoca o apelo do Evangelho, vamos ser perseverantes, não desanimar, perscrutar quais as necessidades sociais do nosso tempo, e, com mais ou menos rapazes, neste ou em outros espaços da Casa do Gaiato de Setúbal, pela acção do Espírito Divino e a intercessão do Pai Américo, corresponder aos desafios exigidos hodiernamente. Tudo isto porque sabemos qual a nossa origem, e quem nos acompanha, e continuamos com a sua convicção: «O êxito das obras sociais consiste no segredo divino de as tornar humanas... trabalho, brio, independência. Responsabilidade... O Rapaz, para o Rapaz e pelo Rapaz ...»

Padre Fernando

CALVÁRIO

A celebração do dia de Todos os Santos e do dia de Fiéis Defuntos, pela simplicidade e profundidade que colocamos nessas ocasiões, levamos a reflectir o quão especiais são os membros do Calvário. A celebração da fé numa comunidade que se apoia e vive em comunhão diariamente é um alicerce importante de se manter e tornar visível, ainda que oculto à maioria dos olhos que nos visitam de perto ou de longe. O choro da Luísa, quando vai para a mesa do refeitório, não é mais visto como uma birra, mas uma verdadeira comunicação do seu estado recente de saúde: a comprovada existência de cálculos na vesícula. E como esse lamento provoca uma reacção de compaixão em todos os presentes. Mais o canto que rompe pela voz da D. Joaquina na sala da refeição, é uma melodia que usa, talvez como a medicação, para controlar a dor dos seus problemas oncológicos e como colhe de surpresa alguma visita não preparada para este concerto. E o constante vai e vem da Ernestina para a sala de convívio, sinal da sua iniciativa constante em se moldar à realidade de cada dia, sobretudo nas ausências de alguns membros ou colaboradores. No início todos diziam, senta, não vás ainda, fica! Agora limitamo-nos a apreciar esse trânsito ininterrupto. Ou a chegada e partida do Valdemar à mesa, com toda a ementa diante do seu olhar autista e seguro do que precisa. Sinal de integração difícil, mas possível graças à generosidade de colaboradores e voluntários atentos aos gestos de amor capazes de humanização. Finalmente, o dobrar da campanha para o final das refeições, habitualmente confiado ao Padre Telmo, recorda-nos por quem os sinos dobram, como escrevia Hemingway, eles dobram por nós. Dobram perante a nossa debilidade, perante o nosso trabalho, perante o acolhimento que queremos fazer a todos, perante o carisma fundador do Padre Américo e a dedicação do Padre Baptista na construção do Calvário. Convém não esquecer que devemos dobrar o nosso orgulho perante aqueles que nos precederam no espírito da Obra, como sentíamos dever e obrigação quando visitámos, no Calvário de Beire, o Campo Santo, onde repousam tantas histórias, tantas dores, tantas graças.

Padre José Alfredo